

## **Bordaduras poéticas nas “acontecências” arrematadas aos poemas-da-vida em Conceição Evaristo**

Jossier Sales Boleão<sup>1</sup>

**Resumo:** este trabalho analisa a obra *Poemas da recordação e outros movimentos*, de Conceição Evaristo, partindo do pressuposto de que o eu-lírico concretiza bordaduras poéticas a partir dos poemas, que se declaram poemas da vida. Este eu-lírico, na perspectiva da poesia moderna, está conectada às acontecências do individual e do social, constituindo, assim, a escrita poética em uma textura transformada e transposta por palavras que ardem na escrevivência. Para isso, este trabalho dialoga com Adorno (2012), Bosi (2000), Hamburger (2007), Bucoli (2003) e Halbwachs (1990).

Palavras-chave: Conceição Evaristo. Bordadura poética. Memória.

### **1 - Introdução**

Conceição Evaristo nasceu em 1946, em Belo Horizonte. Em 1971, mudou para o Rio de Janeiro, onde reside atualmente. Ela é Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

A estreia da autora ocorreu em 1990, na série Cadernos Negros, dedicada à literatura afrodescendente. Desde então, Conceição Evaristo vem “reamanhecendo esperança em nós” ao trilhar o caminho – que vem do mar - de uma escritora versátil por transitar pela esfera de diversos gêneros como poesia, romance, contos e ensaios.

Seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio* foi publicado em 2003, no Brasil, e traduzido ao inglês em 2007. Posteriormente, publicou o romance

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), na Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Cora Coralina.

*Becos da memória*, em 2006, seguido de uma obra poética com o título *Poemas da recordação e outros movimentos*, lançada em 2008.

Neste trabalho, é feito o percurso de adentrar na tecedura da poesia lírica em *Poemas da recordação e outros movimentos* e propõe reflexões acerca dos poemas de Conceição Evaristo, no fazer poético moderno entendido, aqui, enquanto um pano que em suas entranhas são bordadas palavras ardidadas pelas mãos fiandeiras que arrematam na poesia, “os de ontem, os de hoje e os de amanhã” (EVARISTO, 2017, p. 12).

## **2 – As mãos que tecem o plural poético**

A poesia carrega em suas tramas aqueles fios que levam o poeta e o leitor a uma “consciência humana” e por isso, mesmo que o tramar do poema seja individual, esse fazer recorre ao coletivo, sobrepondo histórias e sentidos a serem decifrados na matéria-prima, que é a palavra prenhe. Dessa forma, o fazer poético do sujeito-lírico borda a essência, sua e a alheia, tecendo e destecendo a concretude e também a finitude do Homem no mundo. Portanto, essas mãos tecelãs do sujeito-lírico são atos puros de resistência.

Em “A verdade da poesia”, Hamburger (2007) afirma que a própria linguagem se encarrega de fazer com que a poesia esteja sempre conectada, entrelaçada e penetrada no mundo exterior. No entanto, essa é uma relação delicada, numa sociedade em que há a fragmentação e são evocados os valores individuais em detrimento do coletivo. A própria lírica, em seu sentido tradicional ao menos, sempre pretendeu resguardar-se da engrenagem social (Adorno, 2012).

O poeta, na modernidade, tece a mãos solitárias a palavra lírica, mas mesmo esta solidão diz muito dessa sociedade, que é individualista. O homem passa a ser coisificado, fragmentado, naufragado num mar de

desassossegos e medos. Neste mergulho profundo que a poesia da modernidade faz “eleva o poema lírico ao universal” (ADORNO, 2012, p. 66). É esse mergulho solitário que encontramos em Poemas da recordação e outros movimentos, em que o sujeito-lírico recorre ao individual, ao que apenas ele tem acesso para partir ao mergulho no mundo externo.

No prólogo dos poemas da recordação, o eu-lírico apresenta ao leitor essa experiência imediata que nem todos vivenciam.

[...] Goticulas de água aspergindo a minha vida-menina  
balançavam o vento. Pequenas lágrimas dos lençóis.  
Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias  
caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas  
das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção  
maior. A poesia me visitava e eu nem sabia... (EVARISTO,  
2017, p. 10)

É na experiência particular, no íntimo que eu-lírico toma a consciência da poesia. Ao mesmo tempo em que mostram essas linhas de diferentes texturas e essências que “Pedrinhas azuis”, “pedaços de anil”, “fiapos de nuvens” remontarão o mergulho maior dessas mãos que lavam e bordam a “comoção maior”: a poesia. De dentro do ser, essa “notância” particular acorrentada ao outro, ao universal (Adorno, 2012).

Se por um lado a era moderna corrompe e coisifica o homem, escravizando-o das diversas formas, o espírito lírico desdobra-se em força contrária, tecendo um mundo em que seria diferente e “reamanhecendo esperança em nós” (EVARISTO, 2017, p. 13), como denuncia o eu-lírico no poema “Todas as manhãs”:

[...]  
E acredito, acredito sim  
que os nossos sonhos protegidos  
pelos lençóis da noite  
ao se abrirem um a um  
o varal de um novo tempo  
escorrem as nossas lágrimas  
fertilizando toda a terra  
[...]



(EVARISTO, 2017, p. 13)

Em “Todas as manhãs”, o eu-lírico evidencia esse movimento contínuo de “agudíssima dor” para romper os lençóis dessa noite que mantem cativos os sonhos, esses sonhos que são do sujeito-lírico, mas também do mundo. No desejo de um lugar em que as lágrimas, suas e do outro, fertilizarão a terra.

Estas mãos, ao construir sua techedura pelos fios dados, tem a necessidade de tomar estes fios e desconstruir uma trama anterior: a trama da realidade, da história carregada de dor e submersa em sonhos disformes de uma sociedade voraz.

[...]

E os sonhos, submersos  
e disformes

avolumaram-se engrandecidos, anelando-se uns aos outros  
pulsaram como sangue-raiz nas veias ressecadas  
de um novo mundo.

(EVARISTO, 2017, p. 14)

Se, conforme Hamburguer (2007), os poetas desejam falar verdades ao mundo, mas de formas necessariamente complexas, Conceição Evaristo faz essa bordadura com fluidez perpassando através desse eu-lírico em que observa atento ao estender das roupas no varal, pela mãe, ao encontro sublime com a poesia e à necessidade de por no mundo esse sangue, que é um “sangue-raiz” para preencher o vazio desse novo mundo.

Nesta fusão de sonhos que mesmo disformes, avolumam-se e se engrandecem uns no movimento de se anelar uns aos outros é que o bordado poético é plural, tem muitas vozes. Assim como nos poemas de Conceição Evaristo, em que o eu-lírico é mulher, é criança, é corpo; é ele e também é outro; todo individual e também todo social. Aqui, essas mãos tecelãs “pacientemente cose a rede/ de nossa milenar resistência” (EVARISTO, 2017, p.27), que também é a resistência do próprio ato do poeta.



### **3 – Os pontos dos nós: ausência alguma nas parecenças da memória**

A imagem do eu-lírico e seu tempo de criança, faz presente numa memória que é ancestral, veio para além do oceano e carrega nos vultos poéticos daqueles que são evocados pelos versos-imagens de uma procura incessante para manter viva a roda do futuro.

#### **A roda dos não ausentes**

O nada e o não,  
ausência alguma,  
borda em mim o empecilho.  
Há tempos treino  
o equilíbrio sobre  
esse alquebrado corpo,  
e, se inteira fui,  
cada pedaço que guardo em mim  
tem na memória o anelar  
de outros pedaços.  
E da história que me resta  
estilhaçados sons esculpem  
partes de uma música inteira.  
Traço então a nossa roda gira-gira  
em que os de ontem, os de hoje,  
e os de amanhã se reconhecem  
nos pedaços uns dos outros.  
Inteiros.  
(EVARISTO, 2017, p. 12)

Assim como a

“Imagem pode ser retida e depois suscitada pela reminiscência ou pelo sonho. Com a retentiva começa a correr aquele processo de coexistência de tempos que marca a ação da memória: o agora refaz o passado e convive com ele. (BOSI, 2000, p. 13)

No poema “Roda dos não ausentes”, o eu-lírico memora essas imagens que é circular e cíclica. Enfatizando a presença desses “outros”, o eu-lírico afirma que “ausência alguma,/ borda em mim o empecilho” (EVARISTO, 2017, p. 12), numa afirmação de que o que há são as presenças todas que evocam o refazer, nesta memória, do passado e mais



que conviver com ele, há um impulso para seguir na roda do presente e do futuro. São estes nós, que vão montando esse grande bordado de memória, pois como afirma Halbwachs (1990), na memória coletiva encontra-se muito do outro e, então esse eu-lírico sofre o impulso que ecoa nele e faz com que coexistam estes tempos.

[...]  
E da história que me resta  
estilhaçados sons esculpem  
partes de uma música inteira.  
[...]  
(EVARISTO, 2017, p. 12)

Na estrofe acima, é possível perceber a ligação continua desta memória, o seu reconhecimento e a reconstrução, que mesmo estilhaçados, há sons, há ecos de outros nós que bordam essas linhas no eu-lírico. A música feita a partir destes sons é a inteireza do próprio indivíduo poético, que rememora um tempo ao mar, num corpo alquebrado, sugerindo essa viagem marítima e à própria experiência de um eu-poético ancorado nos navios negreiros, o que é possível verificar em “Recordar é preciso”:

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos  
A memória bravia lança o leme:  
Recordar é preciso.  
O movimento vaivém nas águas-lembranças  
Dos meus marejados olhos transborda-me a vida,  
Salgando-me o rosto e o gosto.  
(EVARISTO, 2017, p. 11)

Lançar o leme torna-se uma necessidade para esse eu-lírico que recorre aos outros a sua própria experiência no mar. Esse mar, a própria poesia que transborda o tempo passado e presente, reportando a referências que existem fora desse eu-lírico, para além de seus pensamentos, numa dimensão maior, a dimensão do mar onduloso.

Para esse eu-poético lembrar é um ato de resistência, pois instaura-se enquanto ferramenta essencial para dar continuidade a este



movimento das águas. No entanto, estas águas não são a purificação, mas são o sal que corta a pele atormentada e vagante por um mundo ermo em que “lá no fundo da memória/ pedra, pau, espinho e grade/ são da vida desafio” (EVARISTO, 2017, p.60).

Fazer memória é lançar o leme para o desassossego do próprio eu-lírico, enquanto eco da alma do sujeito que entrelaça-se a outros ecos e a outras almas e novamente, recorre-se ao social, o fazer poético. Pois é um movimento que transborda as linhas tênues do individual e desembocam nos “fundos oceanos” da poesia, da vida, da busca pelas terras firmes, povoadas por sonhos, pensamentos, lembranças e paixão pelo viver.

Romper a escuridão é também romper o mar ondulado, que torna turvas as águas da memória deste eu-lírico. Os tantos nós amarram-se a este sujeito fazendo-o se lembrar de que seu corpo corre os mesmos perigos antepassados, pois “Na escuridão da noite/ meu corpo igual/ Na escuridão igual/ meu corpo noite/ abre vulcânico/ a pele étnica” (EVARISTO, 2017, p. 15), transpondo o escuro que a história reveste essa pele. Seria, portanto, essa pele feito a noite? Seria ela parte de um corpo que transcende as águas do mar ondulado?

Ainda em “Meu corpo igual”, a última estrofe do poema nos oferece um alento para uma alma cansada dos mares ondulados e das lágrimas oceânicas:

[...]  
Na escuridão da noite  
meu corpo igual,  
boia lagrimas, oceânico,  
crivando buscando  
cravando sonhos  
aquilombando esperanças  
na escuridão da noite.  
(EVARISTO, 2017, p. 15)

Assim como Adorno (2012) afirma que os sedimentos desse sujeito lírico, no poema se dão de forma involuntária e, ao mesmo tempo,

contraditória por evocar na escuridão da noite esperanças que se apegam às lágrimas que boiam e são o próprio oceano. A noite é o tempo de dores, de angústia, mas também é o tempo desse eu-lírico buscar refúgio na esperança.

Por isso, que o eu-lírico narra ao mesmo tempo sua trajetória, que individual e coletiva, parte de um grupo, em que sua memória se funde e se fundamenta (Halbwachs, 1990), nas “águas viajantes” que não desistem do percurso, pois nesse tempo do fazer poético, é lugar do eu e dos Outros entrelaçando as bordaduras da memória que viajam pelas águas da poesia.

Assim como afirma Bosi (2000, p. 111), que

a instância poética parece tirar do passado e da memória o direito à existência; não de um passado cronológico puro — o dos tempos já mortos —, mas de um passado presente cujas dimensões míticas se atualizam no modo de ser (...)

Tanto a épica quanto a lírica advém de um tempo que é social e individual, assim como a experiência reevocada pela memória. Ambos, tempo e memória são fortes.

#### **4 – Considerações finais: as mãos que bordam poemas-da-vida**

Se o fazer poético é a busca incansável e intensa com o “mundo-da-vida” (BOSI, 2000, p. 111), o eu-lírico em “Poemas da recordação” é as mãos tecelãs que arrematam poemas-da-vida. Nas acontecências poéticas, o sujeito lírico parte de sua viagem individual, rumo ao oceano interior, para embarcar em águas profundas do fazer poético, relacionando com o que a vida oferece enquanto elementos sociais.

“Uma paixão profunda é a boia que me emerge” (EVARISTO, 2017, p. 11). O próprio ato de fazer as teceduras poéticas torna-se a paixão para esse sujeito lírico emergir e isso é possível ao agarrar-se à boia, à própria



poesia. Dessa forma, esse sujeito lírico tem o convívio estreito com o singular e o concreto, partindo não do isolado, mas de ecos, de outras linhas que vão sendo bordadas multiplamente aos sentimentos das experiências históricas e sociais (Bosi, 2000).

O cuidado de minha poesia  
aprendi foi de mãe,  
mulher de pôr reparo nas coisas,  
e de assuntar a vida. [...]  
(EVARISTO, 2017, p. 79)

Ser “eternamente naufraga” nessas águas das lembranças, não faz o sujeito lírico perder-se no silêncio, mas justamente nesse “assuntar a vida”, que parte para gritar palavras emudecidas e desses gritos saem palavras ardidadas, palavras ousadas, palavras afiadadas e vivas.

A poesia se mostra como força resistente, assim como as mãos que trabalham a terra, preparam a comida, lavam a roupa e tecem fio a fio, bordados poéticos conservando “o grito do grito do grito” (EVARISTO, 2017, p. 83). A mão desse sujeito lírico é a do artesão, da artesã mitológica, que fia, tece e corta, para amassar o silêncio e encontrar a fala anterior.

Os versos em “Poemas da recordação” são antes, um ato de acontecências em que o eu-lírico relata a vida conectada desde a “viagem negreira” para dar voz a “outras falas/ aquelas ainda úmidas/ vozes afogadas” (EVARISTO, 2017, p. 105). Assim como afirma Bosi (2000), torna-se uma poesia autêntica, nesses tempos mercantis, em que se comercializa tudo, de pessoas a sentimentos, somente quando o poema é custoso e essencialmente se reaproxima do “mundo-da-vida”, tornam-se, portanto “poemas-da-vida”.

Poemas estes, em que o eu-lírico forja uma poesia “Tomando nas mãos a matéria impura – a palavra prenhe de sentidos tecidos no tempo e no espaço de sua circulação” (BUCIOLI, 2003, p.30), ousa desnudar essa



palavra e a revela, como peles em outras construções que se fazem e refazem. Esse eu-lírico costura, com suas mãos artesãs “movimentos ancorados na recordação das proezas antigas de quem nos trouxe até aqui” (EVARISTO, 2017, p. 107).

É, portanto, como afirma Bucioli (2003), o eu-lírico moderno, um artesão, um bordadeiro que não se contenta em apenas observar a pulsão do mundo, mas faz de sua poesia teceduras que, ao explorar o inesgotável universo da linguagem, transpõe sentidos e formas expondo as tensões na concretude.

O poeta moderno restaura e renova a vida e a palavra poética retorna à matriz original, em fios tecidos pelo âmago das coisas. E é a partir destes tecidos bordados com muitos fios de tantas outras vidas, que em “Poemas da recordação”, o eu-lírico “não se distancia dos acontecimentos que configuram os impasses de uma sociedade” (BUCIOLI, 2003, p. 131). Assim, a partir “do nosso gritante verso” é possível reler a própria existência porque estes poemas-da-vida oferece a possibilidade do eu-lírico resgatar as ressonâncias do outro que, apesar das acontecências, vivem.

[...]  
Ao escrever a vida  
No tubo de ensaio da partida  
Esmaecida nadando,  
Há neste inútil movimento  
A enganosa-esperança  
De laçar o tempo  
E afagar o eterno.  
(EVARISTO, 2017, p. 91)

Ao escrever a vida, esse eu-lírico em “Poemas da recordação”, torna-se, conforme Adorno (2012), o representante do sujeito social coletivo. Num tempo em que, com a poesia é possível recuperar a esperança de lançar-se no tempo e afagar estas memórias no próprio ato do fazer poético, num processo que perpassa pelo que Friedrich (1978)

afirma sobre o comportamento na composição lírica, ou seja, o sentir, observar e transformar. Sendo a transformação o recorrente nessa “escrivência” desse eu-lírico.

A transformação da memória dos antepassados, a memória das dores na sua pele, composta por bordados de outras dores e outras peles. Esse processo de sentir, observar e transformar requer o mergulho profundo no mundo. O mundo interior e o exterior, num movimento ínfimo de todas as coisas. O versejar é costurar em dimensões poéticas o grito silenciado do mundo. Para o eu-lírico moderno tudo é eco, tudo é cíclico e toda a poesia está “nos pedaços uns dos outros./ Inteiros” (EVARISTO, 2017, p. 12). Até mesmo o bordado final requer esse corpo todo e igual atento, das mãos às linhas aos poemas-da-vida:

Quando eu morder  
a palavra,  
por favor,  
não me apressem,  
quero mascar,  
rasgar entre os dentes,  
a pele, os ossos, o tutano  
do verbo,  
para assim versejar  
o âmago das coisas.  
[...]  
(EVARISTO, 2017, p. 121)

São, por fim estes versos originários da palavra prene que sonda as noites escuras do eu-lírico os fios que remontam e recontam uma história brotada do individual e tecida por estas mãos tecedeiras, assim como na mitologia, em que o trabalho primoroso e cuidadoso das tecelãs garantiam o fiar e o desfilar da vida por mundos submersos. Dessa forma, a poesia penetra todos estes mundos, no silêncio da aparente inércia.

## **REFERÊNCIAS**

ADORNO, T. **Notas de literatura I**. 2ª ed. Trad. Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2012.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo na poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BUCIOLI, Cleri Aparecida Biotto. **Entretecer e tramar uma teia poética: a poesia de Orides**. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro, Malê, 2017.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HAMBURGER, Michael. **A verdade da poesia**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

